

**“Na Lona”, livro de Rogério Reis, revela a criatividade à margem da festa oficial por Ruy Castro.**

**Caderno 2 - O Estado de São Paulo - Sábado 27 de Outubro de 2001.**

Carnaval em outubro? Sim. O fotógrafo carioca Rogério Reis não quis esperar fevereiro para soltar seu livro *Na Lona*, um impressionante apanhado da criatividade popular carnavalesca. No que fez muito bem. Em outros tempos, novembro, no Rio, já seria um mês em estado de carnaval, com o rádio tocando as primeiras marchinhas, os blocos começando a sair e muita gente pelo menos pensando na fantasia. Dito assim, parece a velha história de que “o carnaval de rua acabou”, não? Mas, se não há mais marchinhas no chamado éter e os blocos agora só começam a manifestar-se em janeiro, um dos mais importantes quesitos do carnaval continua vivo: as fantasias - e não apenas entre os profissionais das escolas de samba ou os habitués da Banda de Ipanema. O livro de Rogério Reis é a prova de que, longe do olhar turístico e do carnaval oficial, o carioca sustenta a tradição que já vem de quase 200 anos (desde que os franceses introduziram por aqui as fantasias), usando a imaginação para expressar-se naqueles quatro dias. Cada máscara ou fantasia mostrada nele representa a liberdade, o delírio, o indivíduo de bem com sua imaginação.

*Na Lona* é um digno sucessor das chapas de Marc Ferrez, o gênio da fotografia brasileira do século 19, com toques que lembram as pinceladas de Debret. Rogério levou os últimos 14 anos preparando-o. Começou no carnaval de 1987, quando, ao trabalhar no *Jornal do Brasil*, descobriu-se precocemente entediado com a espetaculosidade colorida do desfile das escolas e trocou o Sambódromo pelo verdadeiro espetáculo: o dos fantasiados precários e espontâneos que ainda se viam (e se vêem) nas ruas do Rio. A cada carnaval a partir daí, e armado apenas de assistente, equipamento e um fundo infinito feito com uma lona de caminhão, Rogério foi achar seus modelos no território onde eles se exibem: nos subúrbios da Central e da Leopoldina, na Zona Norte e no Centro - fora dos roteiros programados pelas agências de turismo.

A lona era estendida sobre um muro ou nas costas de uma banca de jornais, formando o que, no seu único texto no livro, ele chamou de “a cortina entre o excesso e o que de fato quero ver”. Mas não se contentou em abolir a rua. Aboliu também as cores; preferindo trabalhar em preto-e-branco. Dispensou ainda os textos-legendas, as teorias ou explicações e até as identificações - embora tivesse anotado tudo sobre cada fotografado: nome, idade, profissão etc. (Houve casos engraçados: um homem que se fantasiava de baloeiro era, profissionalmente, bombeiro - e que seu chefe no corpo de bombeiros não soubesse disso.) Para Rogério, as fotos tinham de falar por si. E conseguiu porque, neste livro elas não falam - gritam.

Em comparação com as pessoas que ele fotografou, os exibicionistas anuais da Banda de Ipanema são os marajás do travestismo (e talvez por isto estejam fora do livro). O felliniano, quase buñuelesco, elenco de Rogério saiu das camadas

mais profundas da população - gente “na lona” mesmo, ou seja, dura, sem grana. E com todos os agravantes da pobreza, mas também com um dos poucos traços redentores desta: a imaginação, o saber “se virar”. Essa sabedoria, exercida diariamente no resto do ano, parece transferir-se no carnaval para as fantasias, feita com tudo que lhe cai às mãos: os detritos ready-made da realidade urbana, como bilhetes corridos de loteria, folhas, flores e frutas e outras cafonices de plástico, roupas velhas, imagens de Nossa Senhora ou de Dalva de Oliveira, garrafas vazias, anéis de tampa de lata de refrigerante, leques de papel com logotipo do Mc Donald's e até penicos - os ensaístas veriam aí ecos de Picasso, Braque, Duchamp ou, quem sabe, Rubens Gerchman. Algumas fantasias são autênticas “instalações”, e não ficariam mal nos museus projetados pelo Niemeyer - ao contrário, dariam um pouco de calor humano ao cadaverismo dos tais museus.

O olho de Rogério é infalível para luz, composição e ângulo e, com sua experiência de décadas no *Jornal do Brasil*, no *Globo* e na *Veja*, cada uma de suas fotos conta uma história, com a dimensão de um esquete ou de uma peça em um ato, com pano rapidíssimo. É verdade que, a exemplo da Banda de Ipanema, com aqueles travestis de boutique, há no seu livro muito homem vestido de mulher. Qual é o problema? Homens de vestido e peruca são tão antigos no carnaval quanto os diabos, dominós e pai-joões do passado - ou seja, tanto quanto o próprio carnaval.

A diferença é que, aqui, o grotesco é acentuado pela condição social dos fantasiados e pela precariedade das fantasias - precariedade em termos, porque de uma inventividade indescritível, com materiais tão toscos, e de uma variedade temática cuja riqueza deixa no chinelo o carnaval da Zona Sul. Enquanto, em Ipanema, o carnaval está muito mais para nudez do que para fantasia, nos grotões do Rio ainda vale a idéia de esconder-se, de assumir uma segunda personalidade (que, em certos casos, talvez seja a verdadeira). É como se, ali, o carnaval nunca tivesse mudado - e não é por acaso que só neles ainda se encontra a figura dos “clóvis”, os assustadores palhaços (clowns) que batem no chão com suas bexigas de boi ou de plástico, pondo até adultos para correr.

Ao mesmo tempo, o que se vê nas fotos de Rogério, por trás das máscaras horrendas, é um povo alegre e brincalhão, nada agressivo. Há muito de crítica nas indumentárias, mas amplamente superada pelo humor. Um humor anárquico, carregado de absurdo, de nonsense, e, por isso, pensando bem, Rogério acertou em não escrever nada sobre as fotos. Afinal o que mais haveria para dizer? As fantasias expressam a si mesmas e a vontade de cada um de se vingar da realidade, fazendo artesanato a partir de detritos industriais, vestindo-se a caráter para um baile de horrores ou, talvez, apenas dando vazão a uma alucinação plástica, como acontece na pintura dos loucos.

A escritora Heloisa Buarque de Hollanda, em sua apresentação, arrisca que Rogério não foi movido por um “interesse antropológico” ou mesmo por “um gosto especial pelo carnaval”. O carnaval, no caso, teria apenas a função de prover “encenação e fantasia” para o autor desses fabulosos portraits.

Mas é inevitável que, dependendo de quem os vê, os portraits revelem inesperadas facetas estéticas, comportamentais, sociológicas. Por exemplo: como se explica que essas pessoas, fora das tradicionais categorias "artísticas", consigam produzir tanta beleza usando o feio como matéria-prima? Ou será que essa conversão de feiúra em beleza só acontece através das lentes de um artista como Rogério Reis?